

Jornadas encantadas: as folias de Reis do sul de Minas

| Suzel Ana Reily

No Sudeste brasileiro, existem muitas histórias populares em que os Reis Magos são representados como músicos. Entre as versões mais comuns, diz-se que, em troca do incenso, do ouro e da mirra, Nossa Senhora deu um instrumento musical a cada um deles, para que pudessem retornar ao Oriente cantando de casa em casa para anunciar o nascimento de Jesus. O primeiro recebeu uma viola, o segundo um pandeiro e o terceiro uma caixa. Assim, grupos conhecidos como “folias de Reis” – ou “companhias de Reis” – dramatizam, de forma simbólica, essa jornada mítica dos Reis Magos.

A tradição chegou ao Brasil com os colonizadores portugueses. Há muitos registros de grupos de peregrinos mendicantes associados ao Natal nas regiões ibéricas desde a Idade Média (Livermore 1972:142).

Compostos de músicos e alguns palhaços – freqüentemente chamados de “bastiões” – e oriundos predominantemente das classes subalternas, esses conjuntos saem carregando a bandeira dos Reis, considerada como “guia” da folia, para fazer visitas às casas em suas comunidades, abençoando as famílias que nelas habitam em troca de alimentos e donativos para a festa de Reis, realizada no dia 6 de janeiro. Se, no passado, as folias eram mais comuns às zonas rurais e pequenas cidades do interior, hoje elas podem ser encontradas também em muitos bairros periféricos dos grandes centros urbanos do País, trazidas pelos milhares de migrantes que vieram à cidade em busca de uma vida melhor.

A tradição chegou ao Brasil com os colonizadores portugueses. Há muitos registros de grupos de peregrinos mendicantes associados ao Natal nas regiões ibéricas desde a Idade Média (Livermore 1972:142).¹ Ao passo que a tradição se difundia pelo Brasil, ela foi sendo continuamente reinventada e reinterpretada de acordo com as necessidades específicas de cada contexto e com as preferências estéticas dos envolvidos na sua *performance*. Como qualquer tradição popular, há muita variação nas práticas e discursos das folias de Reis de uma região para outra. No entanto, há também muitas semelhanças, o que nos permite ver esse universo como uma articulação dos códigos morais e padrões de sociabilidade das comunidades católico–populares e classes baixas do Brasil.

Com base em pesquisas realizadas no Sudeste brasileiro, principalmente nas folias do sul de Minas Gerais e nas dos migrantes mineiros que vivem na grande São Paulo desde 1985, este artigo mostrará como as jornadas “encantadas” das folias permitem a seus participantes vivenciar, mesmo que momentaneamente, um mundo regido por seus códigos morais e pelas normas de suas orientações religiosas. Ao reencenar a viagem dos Magos, os foliões e as comunidades que os acolhem participam conjuntamente da reestruturação do seu universo cotidiano, reafirmando as verdades que formam a base de sua religiosidade.²



| Folia de Reis em jornada, Arceburgo (MG), 1987.

O GRUPO RITUAL. As folias de Reis são associações voluntárias que atuam de forma completamente autônoma, inclusive da Igreja. Um dos fatores que, certamente, tem contribuído para a sua sobrevivência ao longo dos séculos é sua clara estrutura organizacional. No Sudeste, as folias normalmente se organizam em torno do “dono da bandeira”, ou seja, quem a fundou ou a herdou de seu dono anterior. Cabe ao dono administrar a folia, recrutando seus membros, organizando ensaios, zelando pela ordem do conjunto durante suas jornadas, planejando seu itinerário e o que mais for necessário para garantir um evento bem-sucedido.

Cada jornada deve ter um festeiro – o dono da festa. Seu papel principal é administrar os donativos arrecadados pela folia, usando-os para organizar a festa no Dia de Reis.

(1) As origens da folia de Reis no Brasil receberam extensa análise na tese de doutorado de Welso Tremura 2004.

(2) Para uma discussão extensa das folias do Sudeste brasileiro, ver Reilly 2002.

Sem dúvida, as figuras mais marcantes de uma folia são os palhaços (bastiões). Considerados freqüentemente os espias de Herodes, arrependeram-se quando se encontraram com o Menino Jesus.

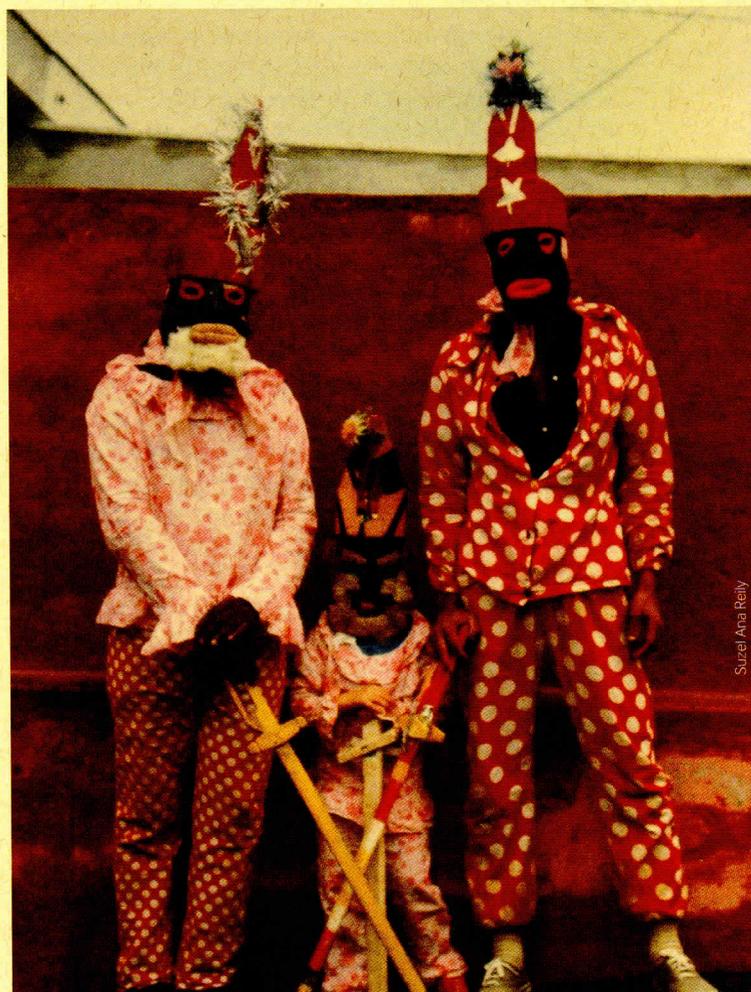
O festeiro atua, portanto, como redistribuidor dos bens coletivos. Como nem sempre a folia consegue arrecadar fundos suficientes para a festa, cabe ao festeiro e à sua família subsidiar o evento, fato considerado bastante honroso. Por isso, ao se fazer a escolha do festeiro entre os membros da comunidade, é necessário optar por alguém cuja condição financeira lhe permita assumir a responsabilidade da festa.

O papel musical de maior prestígio na folia é o de "embaixador", que, tal como seu nome sugere, é o porta-voz dos Reis. Cabe ao embaixador improvisar os versos – tidos como palavras sagradas – que a folia canta durante cada visitação. Logo, ele precisa provar que possui profundo conhecimento da tradição para garantir a eficácia simbólica de sua cantoria, pois são seus versos que portam as bênçãos dos Reis aos devotos. Para exercer o papel de embaixador, o folião precisa demonstrar que possui o "dom", o qual se manifesta nas suas aptidões musicais e poéticas e na sua competência ritual. Um bom embaixador, portanto, é uma pessoa reconhecida pelos santos como seu emissário, respondendo aos seus chamados para ajudar o grupo a defender sua bandeira. O grupo terá outros músicos, sendo seu número e funções determinados pelo estilo musical utilizado pela folia.

Sem dúvida, as figuras mais marcantes de uma folia são os palhaços (bastiões). Considerados freqüentemente os espias de Herodes, arrependeram-se quando se encontraram com o Menino Jesus, como relata Seu Antônio Mariano, da cidade de Arceburgo, Minas Gerais:

A origem que eu tenho de dar é ... que os bastião era soldado do Herodes. Herodes então que viu que os Magos saiu dali, disse: "Vai atrás daqueles, homi, pra mim. Vai ver onde eles vão." Ai eles foram, né, mas eles não chegou lá onde os Reis chegou, não; só viram Jesus de longe... Mas na hora que eles chegaram de volta, aí o Herodes [perguntou]: "Como é que é? Que que deu?" [O bastião respondeu:] "Ah, não deu nada. Eu não vi nada." Ele mentiu, né?

Os bastiões vestem fardas feitas geralmente de chita colorida e usam capacetes pontudos decorados com flores e fitas. Também usam máscaras, com feições exageradas e grotescas, feitas de couro. Andam com espadas, simulam lutas e ameaçam ataques. Outro apetrecho é o embornal, usado para guardar os objetos e dinheiro que recebem durante a jornada. Com efeito, essas personagens apresentam elementos associados à infância e à animalidade, fazendo delas figuras subumanas e não-domesticadas. Durante as visitasções, os bastiões podem ser chamados para recitar versos, mas em momento algum eles cantam. Assim, opõem-se aos músicos e, no interior da tradição, o canto se opõe à fala: enquanto a fala emerge como o meio de comunicação das preocupações pessoais, o canto enfatiza a harmonia social que deriva da ação simultânea e coordenada de uma coletividade.



Suzel Ana Reily

Acredita-se que os Reis invertem a maldade de Herodes, acusado por mandar matar crianças. As mães, então, prometem que, se seu filho sarar, colocarão o menino “na farda”. Muitos foliões dizem que, quando uma pessoa põe a farda, ela terá de usá-la por sete anos seguidos.

É comum encontrar folias com várias crianças, principalmente meninos, vestidos de palhaços, pois uma das promessas mais freqüentes nesse universo é direcionada à cura de doenças infantis. Acredita-se que os Reis invertem a maldade de Herodes, acusado por mandar matar crianças. As mães, então, prometem que, se seu filho sarar, colocarão o menino “na farda”. Muitos foliões dizem que, quando uma pessoa põe a farda, ela terá de usá-la por sete anos seguidos. Assim, ao longo do “tempo de farda”, as crianças são iniciadas na tradição e adquirem um conhecimento geral das práticas a ela associadas, para que possam integrá-las, mais tarde, como músicos. Alguns se identificam com o papel do bastião e permanecem “na farda” a vida toda.

O PROCESSO RITUAL. As folias do sul de Minas geralmente iniciam-se à meia noite, na véspera de Natal, partindo da casa do festeiro. A jornada também termina na casa do festeiro, onde é realizada a festa de Reis ou festa da chegada [da bandeira]. Durante os doze dias da jornada, as visitações seguem uma seqüência ritual pré-determinada em cada moradia. A folia aproxima-se de uma casa e anuncia a sua presença. O proprietário vai ao encontro da folia, tomando a bandeira, levando-a para dentro de sua casa. A folia, então, segue sua “guia”. Se há um presépio na casa, é preciso primeiramente fazer a “adoração”, assim como os Reis Magos adoraram as figuras da Sagrada Família quando chegaram a Belém. Nesse ritual, a folia canta seqüências de versos que relatam suas interpretações da jornada dos três Reis e do nascimento de Cristo. Seu Zé Machado, embaixador originalmente de Ponte Nova (MG), por exemplo, cantou os seguintes versos diante de um presépio em São Bernardo do Campo:

*Vinte cinco de dezembro,
Na hora de Deus, amém.
Bateu asa e cantou o galo,
Nasceu Cristo, o nosso bem.*

*E o boi perguntou: “Aonde?”
Carneiro disse: “Em Belém”.
E os anjo arreunido
Foi pra dar os parabéns.*

*Arriaram os seus camelos
E marcharam alegremente
E subiram na montanha
E desceram na vertente.*

*Foram visitar o menino
E cada um levou um presente
Ao menino de Jesus
Que é o rei do Oriente.*



| Presépio na casa de um devoto. Campanha (MG), 2003.

Geralmente, os versos das bênçãos seguem uma ordem que evidencia a hierarquia familiar, começando com o dono da casa, sua mulher e seus filhos, do mais velho ao mais novo. Versos em intenção aos falecidos também são cantados.

Cumprida sua obrigação diante do presépio, a companhia pode seguir com a bênção. Nesse momento, o embaixador cria versos dedicados aos membros da família visitada e pede uma oferenda para a festa, estabelecendo, assim, relação de reciprocidade entre os santos e seus devotos. Geralmente, os versos das bênçãos seguem uma ordem que evidencia a hierarquia familiar, começando com o dono da casa, sua mulher e seus filhos, do mais velho ao mais novo. Versos em intenção aos falecidos também são cantados. Algumas vezes, as bênçãos podem ser construídas de forma personalizada, articulando a relação dos foliões com a família visitada. Em São Bernardo, por exemplo, Seu Oswaldir, embaixador originalmente de Guaxupé (MG), cantou os seguintes versos:

<i>Vou cantar para o senhor, Pra sua esposa também. Santo Reis lhe abençoa Na hora de Deus, amém.</i>	<i>Vou cantar pra sua nora, Atendendo o seu pedido. Santo Reis abençoando No momento concebido.</i>
<i>Rodiou todas criança, Todos anjos inocentes. Santo Reis está benzendo Para não ficar doente.</i>	<i>Alembrou de sua cunhada Que na glória está morando: A terceira oração Foliões está rezando</i>

Recebendo a oferenda, o folião agradece a família, mostrando-se grato por qualquer outra gentileza oferecida aos foliões, como um café, uma bebida, um doce, um salgado ou mesmo uma refeição. Seu Oswaldir, por exemplo, agradeceu a família da seguinte maneira:

*Agradeço a boa oferta
Do senhor e sua senhora:
Seja tudo abençoado
Do meu Santo Reis da Glória.*



A dona casa segura a bandeira para receber a bênção. Campanha (MG), 2003.

*Santo Reis te agradecendo
A oferta dos seus netinhos:
Santo Reis te abençoando
No lugar dos seus padrinhos.*

*Agradeço a comida
Que ofertou pros folião:
Santo Reis te abençoa
Esta sua devoção.*

*Agradeço a bebida
Que ofertou pra nós tomar;
Santo Reis vai lhe dar outra
Na mesa de refeição.*

No Dia de Reis, a jornada chega ao fim e a bandeira retorna ao seu ponto de partida, a casa do festeiro. Celebra-se, então, a festa da chegada da bandeira, financiada com os

Os foliões fazem distinção entre toadas e modas, sendo mais comum chamar gêneros religiosos de “toadas”, reservando-se, assim, a palavra “moda” para cantigas seculares. Em praticamente todas as tradições católico-populares, o líder musical toca a viola.

recursos coletivos da comunidade. Todos que contribuíram participam da festa. Uma boa festa é aquela em que há fartura, muita música e dança, animando o povo até de madrugada.

O processo ritual da jornada estrutura-se de forma a haver progressiva incorporação de atores sociais relacionando-se uns com os outros: primeiramente a folia canta para a Família Sagrada; em seguida, canta para a família que visita, articulando ligação entre as duas. A jornada termina com uma grande celebração coletiva, criando-se assim a “família de Deus” na terra, unida na sua totalidade pela sua devoção comum.

AS TOADAS. No Nordeste, os grupos mendicantes dedicados aos Reis Magos são constituídos como conjuntos instrumentais, em que a melodia é tocada por dois pifes – ou pífanos – em terças ou sextas paralelas (Araújo 1964: vol. I, p. 130). No Sudeste, contudo, os estilos musicais das folias são compostas de diversas configurações de vozes polifônicas, cujas distinções se baseiam em referentes regionais: estilo paulista, estilo mineiro e estilo baiano. Apesar de suas diferenças, os três têm elementos em comum e também se relacionam a outros estilos musicais do repertório católico-popular dessa região.

Os foliões fazem distinção entre toadas e modas, sendo mais comum chamar gêneros religiosos de “toadas”, reservando-se, assim, a palavra “moda” para cantigas seculares. Em praticamente todas as tradições católico-populares, o líder musical toca a viola – instrumento considerado sagrado –, usado por São Gonçalo do Amarante, ao menos na sua representação no Brasil. Alceu Maynard de Araújo notou que, no Vale do Paraíba, ela era tocada de forma sagrada, isto é, “em pé, ficando a viola apoiada no colo, sendo que o queixo (mento) do violeiro repousa sobre o instrumento” (Araújo 1964: vol. II, pp. 448-49). Essa prática ainda era corrente na década de 1990. As terças paralelas são comuns, tanto no repertório religioso como no secular. Geralmente, a voz principal executa a parte mais aguda, cadenciando, portanto, na mediante,



| Folia de Reis em São Francisco Minas Gerais, Folia do Travessão

tal como ocorre em alguns estilos da folia de Reis. Usa-se também a harmonia funcional européia, raramente transcendendo os acordes da tônica, dominante e subdominante. Esses paralelos estilísticos derivam da coexistência de numerosos gêneros musicais num contexto social marcado por processos históricos comuns. Não surpreende, portanto, que, freqüentemente, os mesmos músicos demonstrem competência no desempenho de diversos gêneros populares, utilizando hábitos musicais adquiridos numa tradição ao migrarem para outro estilo.

Além de estarem integrados a um universo musical comum, há algumas outras semelhanças entre os estilos das folias de Reis do Sudeste que devem ser realçadas. Todos empregam os instrumentos “míticos” dos Reis, isto é, viola, pandeiro e caixa, sendo que, no estilo baiano, há um uso mais acentuado da caixa que nos estilos paulista e

A eficácia de qualquer ritual, por mais coerente que seja, reside em sua capacidade de promover experiências memoráveis entre os participantes capazes de transportá-los para o universo mítico de sua dramatização coletiva.

mineiro. As estruturas musicais de todos os estilos realçam as improvisações do embaixador, que são, então, repetidas pelos demais foliões, geralmente duas linhas de cada vez.

A principal diferença reside nas formas bastante distintas utilizadas na organização das vozes dos cantores. Tanto no estilo paulista como no estilo baiano, os foliões cantam de forma antifônica, ou seja, há uma alternância entre duas configurações vocais ao longo da *performance* da toada. Mais precisamente, a embaixada é apresentada em terças paralelas pelo embaixador e seu ajudante. Quando esses músicos terminam de cantar, dois cantores “de trás” repetem a embaixada, podendo a resposta ser executada em terças ou sextas paralelas. No estilo mineiro, contudo, usa-se a forma acumulativa, em que uma ou mais vozes se junta à cantoria, sempre num registro mais agudo que os cantores já integrados à toada, produzindo um acúmulo sucessivo de vozes até que se culmina num prolongado acorde maior.

Atualmente o estilo mineiro está se tornando cada vez mais comum, deslocando as formas antifônicas que prevaleciam na região. Vale notar que esse estilo articula muito bem com as concepções dos devotos a respeito da jornada dos Reis Magos, que, ao retornarem ao Oriente cantando para anunciar o nascimento de Jesus, foram convertendo os pagãos, integrando-os à família de Deus. Assim, o estilo mineiro pode ser visto como uma representação sonora da missão dos Magos. O embaixador começa proclamando a mensagem dos santos; essa mensagem é, então, apropriada e repetida no próximo estágio, e assim por diante. Quando, finalmente, as verdades dos Magos atingem a todos, o universo social explode num todo harmonioso, representado pelo acorde final da toada.

ENCANTAMENTO. Ao longo dos séculos, a tradição da folia de Reis adquiriu extraordinária coerência, visto que sua mitologia, seu processo ritual e sua expressão estética se desdobram uns nos outros para criar um todo articulado de forma icônica. No entanto, a eficácia de qualquer ritual, por mais coerente que seja, reside em sua capacidade de promover

experiências memoráveis entre os participantes capazes de transportá-los para o universo mítico de sua dramatização coletiva. O que determinará se isso ocorrerá ou não é o modo como as estruturas são implementadas em contextos reais, em que pessoas se encontram e fazem uso do seu legado para mediar suas relações com os santos e entre si.

O momento de maior impacto durante a jornada é o ritual da bênção. Os moradores da casa sendo visitada seguram a bandeira – representação viva dos santos – diante dos foliões e recebem seqüências de versos feitos especialmente para eles, de acordo com as suas circunstâncias naquele momento. O embaixador transmite as primeiras duas linhas da bênção, as quais são repetidas pelas vozes seguintes, o que aumenta radicalmente o volume na sala. Pode haver mais uma repetição, ou mais duas ou três, dependendo do estilo, cada uma endossando e reforçando a anterior. Esse processo inteiro se repetirá várias vezes, até que o texto completo da bênção seja exposto. Muita gente é tomada por grande emoção e começa a chorar ao ser abençoada, particularmente se tem um compromisso especial com os Reis: uma graça recebida ou uma promessa a ser cumprida, ou se o momento lhe traz memórias de uma pessoa ausente ou falecida. Enfim, a maneira como a bênção é executada realça sua eficácia ritual, pois não apenas centraliza as atenções sobre a pessoa que está sendo abençoada, mas também faz um chamamento aos santos para que derramem suas bênçãos sobre ela. A presença dos Magos é efetivamente “encantada” para junto da família e a experiência desse encontro torna-se muito marcante, confirmando e reforçando a fé no poder divino.

Mas qual poderá ser a motivação dos músicos? Por que se integram a uma folia ano após ano para cantar, durante doze dias seguidos, a mesma coisa em várias casas? Isso só é um mistério para quem ainda não participou de jornadas. De fato, a música é muito repetitiva, mas é precisamente aí que reside sua magia. O repertório é relativamente fácil, permitindo que novatos possam se integrar ao grupo com certa facilidade, mas músicos mais maduros podem

A experiência concreta desse mundo serve mais uma vez aos devotos como confirmação da verdade das leis divinas. Seus santos têm a capacidade de mudar os homens e o mundo.

criar formas elaboradas para seus instrumentos. Porém, quando se canta ou toca algo que se conhece bem, não é preciso se concentrar nas notas, pois o corpo age por conta própria. Assim, torna-se possível efetivamente “se perder” na música, o que realmente acontece com muitos foliões: eles entram num estado de transcendência que alguns psicólogos chamam de *flow* (Csíkszentmihályi 1990). Para o antropólogo inglês, Victor Turner (1974), o estado de *flow* pode propiciar a experiência de *comunitas*, isto é, uma sociabilidade tão intensa que o indivíduo sente como se estivesse momentaneamente num mundo sem estruturas e hierarquias, numa utopia. Para os músicos, portanto, participar da folia também promove experiências encantadas. Como disse Seu Zezo, um folião originalmente de Arceburgo (MG): “cantar na folia é um banho pra cabeça.”

As jornadas das folias de Reis recriam o mundo por meio da sua música, mediando a troca de bens e bênçãos que coloca os fiéis em contato direto com os santos. Quando os Reis Magos vêm comungar com os homens, entrando em suas casas, o mundo inteiro parece ficar mais bonito e enfeitado, fica mais sonoro e poético com as *performances* da folia, fica mais farto e doce com a generosa contribuição de alimentos para a festa. Com o encanto da jornada, os fiéis entram momentaneamente num mundo definido pelos santos, um mundo colorido, harmonioso e farto. A experiência concreta desse mundo serve mais uma vez aos devotos como confirmação da verdade das leis divinas. Seus santos têm a capacidade de mudar os homens e o mundo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARAÚJO, Alceu Maynard de. *Folclore nacional*, 3 vols. São Paulo, Melhoramentos, 1964.
- CSÍKSZENTMIHÁLYI, Mihály. *Flow: The Psychology of Optimal Experience*. New York: Harper and Row, 1990
- LIVERMORE, Ann. *A Short History of Spanish Music*. London: Duckworth, 1972.
- REILY, Suzel Ana. *Voices of the Magi: Enchanted Journeys in Southeast Brazil*. Chicago: University of Chicago Press, 2002
- TREMURA, Welson. *With An Open Heart: Folia de Reis, A Brazilian Spiritual Journey Through Song*. Tese de doutorado, The Florida State University, 2004.
- TURNER, Victor. *The Ritual Process*. Harmondsworth: Penguin Books, 1974.

Suzel Ana Reily

Doutora em Antropologia Social na Universidade de São Paulo. Professora da área de Etnomusicologia da Queen's University Belfast. Suas publicações incluem o livro *Voices of the Magi: Enchanted Journey in Southeast Brazil* (Chicago, 2002) e a organização de *Brazilian Musics, Brazilian Identities* (*British Journal of Ethnomusicology*, 2000) e *The Musical Human: Rethinking John Blacking's Ethnomusicology in the Twenty-First Century* (Ashgate, 2006).



Suzel Ana Reily